

Como as Universidades Federais morrem.

Uma análise crua e perturbadora das ameaças perpetradas pelo Bolsonarismo.

Weber Tavares da Silva Junior¹
Teomar Manduca²

INTRODUÇÃO

O presente estudo, assim como a obra que lhe serviu de inspiração, busca avaliar as diversas formas empregadas pelo Bolsonarismo para “matar” as Universidades Federais brasileiras, impedindo-as de atuar com autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, nos termos estabelecidos pelo Art. 207 da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988). Levitsky e Ziblatt (2008) evidenciaram que as democracias não são derrubadas por bombas lançadas por jatos, como ocorreu no palácio *de La Moneda* no Chile. Para os autores, no mundo atual, as democracias são corroídas por dentro, a partir da ação de líderes eleitos como ocorreu na Venezuela Chavista.

Em outro giro, Motta (2008) demonstra que durante o governo imposto pelo GOLPE MILITAR DE 1964 buscou-se “matar” as Universidades Federais por meio da subjugação do movimento estudantil, da criação de disciplinas de moral e cívica e da instituição das Assessorias Especiais de Segurança e Informações (AESI), que tinham o objetivo declarado de vigiar a comunidade universitária. Acompanhando o raciocínio de Levitsky e Ziblatt, o presente estudo tem o objetivo de demonstrar que os ‘*golpistas da atualidade*’ possuem estratégias mais sutis para atingir o mesmo objetivo e os dados apresentados a seguir evidenciam alguns dos métodos empregados pelo governo Bolsonaro para “matar” as Universidades Federais.

Este primeiro ensaio se debruça sobre a corrosão do orçamento das Universidades Federais durante o Governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, e os próximos estudos discutirão método de nomeação dos reitores não eleitos, a não nomeação de servidores efetivos e as alterações legislativas promovidas pelo governo Bolsonaro para inviabilizar o trabalho das Universidades Federais. O leitor mais otimista pode julgar o tema inoportuno, principalmente diante da recém-julgada inelegibilidade do ex-presidente até 2030, entretanto, o presente estudo é absolutamente justificável, pois como diria Bertold Brecht, “*a cadela do fascismo está sempre no cio.*”

¹ Professor do IFG e estudante do programa de doutorado do PPGADM/FACE/UFG

² Professor do IFTO e estudante do programa de doutorado do PPGADM/FACE/UFG

Que tipo de líder ataca as Universidades

As Universidades Públicas fomentam a construção do pensamento crítico e, por este motivo, geram animosidade junto a atores que se sentem ameaçados por uma sociedade que busca a verdadeira autonomia. Por este motivo a Universidade, em especial a Universidade Pública, foi transformada em ‘inimigo’ pelos principais representantes do Bolsonarismo. Estes atores políticos buscaram argumentos para justificar seu interesse em reduzir a importância das Universidades Públicas Brasileiras.

No Brasil, entre os anos de 2016 e 2022, durante o governo dos presidentes Michel Temer, 2016 – 2018, e Jair Bolsonaro, 2019 - 2022, foram tomadas medidas que impactaram severamente o funcionamento das Universidades Públicas Brasileiras. O governo Temer trabalhou intensamente para aprovar a Emenda Constitucional nº 095/2016, instituindo um novo regime fiscal a partir de 15 de dezembro de 2016, que teve desdobramentos sociais trágicos. O governo seguinte manteve a mesma linha, diminuindo gastos sociais com forte impacto sobre a educação pública.

Além de promover a desmobilização das estruturas dos programas sociais, o Governo Bolsonaro adotou um forte discurso ideológico, atacando as instituições nacionais dedicadas ao avanço da ciência, dentre elas, as Universidades Federais. Para sustentar a narrativa de que as Universidades Federais têm um orçamento maior do que deveria ter, de que gastam mal e que seriam uma influência ruim para a sociedade, esses líderes utilizam dados distorcidos ou descontextualizados. Eles se valem de dados suspeitos publicados em relatórios do Banco Mundial, que não apresentam a metodologia empregada e que trazem um conjunto de informações que não possuem conexão com a realidade, como por exemplo, que a maioria dos estudantes das Universidades Públicas Brasileiras venha de famílias ricas (MUNDIAL, 2017).

O fato de as Universidades se colocarem como um espaço de pluralidade, de desenvolvimento não somente de competências técnicas, mas também comportamentais sociais e políticas, as transformam em um inimigo institucional a ser combatido. Levitsky e Ziblatt (2018) se dispuseram a observar os comportamentos de líderes que, por suas características, se voltaram contra as Universidades. Estes líderes demonstram profundo desprezo às regras democráticas, desejo de restringir direitos civis de minorias, além de grande interesse por deslegitimar processos eleitorais, negar o avanço da ciência e a reduzir a importância da liberdade de imprensa, pontos historicamente defendidos pelas Universidades em geral e pelas Instituições Públicas em particular.

São líderes que se apresentam como *outsiders* políticos, que pretendem ser reconhecidos como “heróis salvadores da pátria”, e que não precisam de nenhum tipo de estrutura de governo pois estabelecem uma conexão direta com “o povo”. São populistas que promovem a polarização e lucram com ela, que se colocam como representantes da “voz do povo” e se dizem contrários a uma elite corrupta e conspiradora. Este tipo de ator político busca promover um confronto intra/intergovernamental alimentando uma luta constante contra “os inimigos do povo”, de forma a criar uma cortina de fumaça que serve para desviar a atenção dos problemas que deveriam ser prioritários. (ABRUCIO, 2020; LEVITSKY e ZIBLATT, 2018).

Em resumo, esses líderes se sentem ameaçados pela capacidade que as Universidades têm de conscientizar e politizar as pessoas e por este motivo promovem ataques às Universidades através de um discurso ideológico e uma prática de restrições administrativas e orçamentárias.

METODOLOGIA

Para analisar o impacto das ações do governo Bolsonaro sobre o orçamento das universidades federais brasileiras, objetivo deste trabalho, optou-se por estudar a evolução dos dados orçamentários das Universidades Federais entre 2000 e 2022, a partir dos dados disponibilizados pelo Governo Federal por meio do Painel do Orçamento Federal do Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento (SIOP). Para que fosse possível analisar a evolução orçamentária, os dados foram atualizados considerando o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo IBGE.

O recorte temporal foi determinado a partir das limitações do sistema escolhido, entretanto, mostrou-se suficiente para permitir a comparação entre os governos Lula, Dilma, Temer e Bolsonaro, indo ao encontro dos objetivos do presente estudo. Buscando considerar a evolução do número de matrículas na análise, o presente estudo coletou dados do Censo da Educação Superior publicado pelo INEP/MEC. No presente estudo optou-se por não considerar as matrículas ofertadas na modalidade de ensino à distância (EaD). Tal opção metodológica foi necessária posto que a matriz de custos desta modalidade segue outra lógica e seu emprego poderia contaminar os dados da pesquisa. Considerando que os dados de matrículas relativos ao ano de 2022 ainda não foram disponibilizados, o presente estudo construiu um modelo de previsão empregando o método de Regressão Linear considerando a série histórica dos últimos 20 anos. O modelo apresentou um coeficiente de correlação (R²) de 95,6%.

Quando da análise dos dados orçamentários, optou-se por não utilizar os dados relacionados a investimento em Infraestrutura, que segue outra orientação orçamentária. Deste modo, foram empregados apenas os dados orçamentários relacionados aos Grupos Natureza de Despesa (GND) código 01/PES (Pessoal e Encargos Sociais) e código 03/ODC (Outras Despesas Correntes).

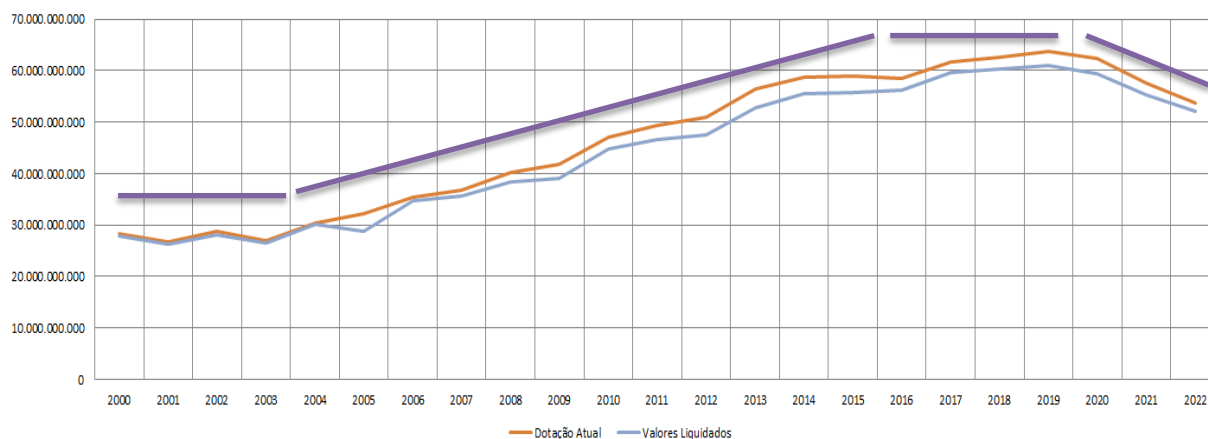
Buscando dar mais objetividade ao estudo, optou-se por limitar as análises considerando os valores de ‘Dotação Atual’ e ‘Valores Liquidados’. Tal recorte metodológico tem o objetivo de priorizar os dados que sintetizam o orçamento aprovado após os ajustes na Lei Orçamentária e os valores que efetivamente foram gastos no atendimento à sociedade, uma vez que os dados relacionados aos valores empenhados e pagos podem apresentar variações exógenas, já que são influenciados pelo modelo de gestão empregado pelas Unidades Orçamentárias analisadas.

Quanto à estratégia de pesquisa, empregou-se a ‘Teoria Fundamentada em Dados’ ou ‘*grounded theory*’ que busca extrair conclusões a partir das relações identificadas nos dados da realidade. (SAUNDERS, LEWIS e THORNHILL, 2009). Quanto à categorização da pesquisa, o presente estudo é categorizado como uma pesquisa quantitativa ancorada em levantamentos publicizados por órgãos públicos oficiais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme pode ser observado no Gráfico 01, a evolução do orçamento das Universidades Federais entre 2000 e 2022 evidenciam 04 diferentes momentos. Entre 2000 e 2003 observa-se uma estabilidade. Entre 2004 e 2015 há uma expressiva elevação dos gastos, interrompida entre 2016 e 2019 quando se observa uma nova estabilidade e finalmente, entre 2020 e 2022, é possível identificar uma queda nos gastos.

Gráfico 01 – Evolução Orçamentária Universidades Federais – Brasil (2000/2022)

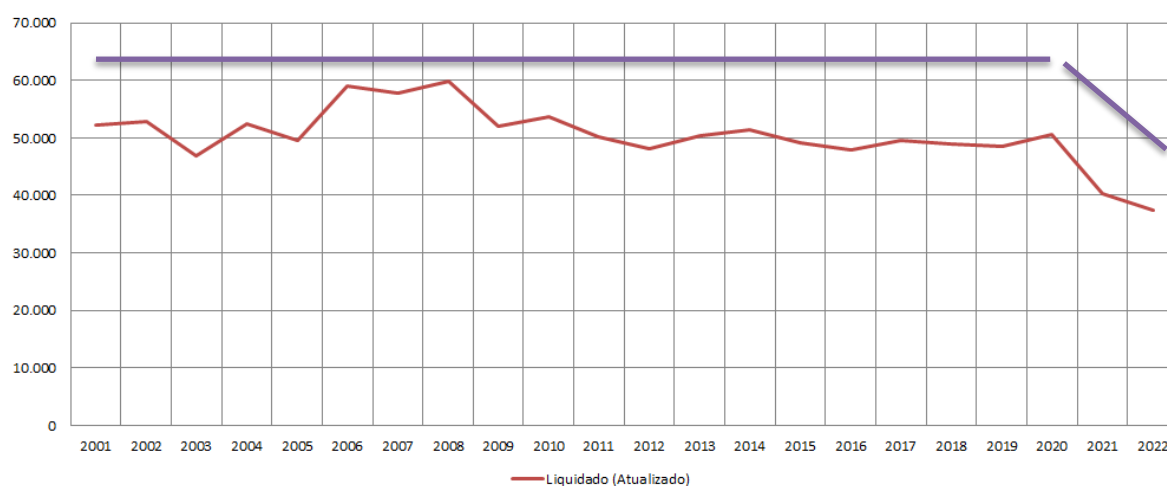


Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do SIOP.

Considerando que durante o período observado houve um expressivo aumento no número de matrículas das Universidades, o presente estudo buscou identificar o gasto das Instituições considerando a quantidade de matrículas. É importante ressaltar que o presente trabalho não pretende calcular o Custo por matrícula, que demandaria outro tipo de análise, mas somente avaliar a evolução orçamentária (Gastos) considerando a evolução do volume de matrículas.

Os dados do Gráfico 02 evidenciam que quando considerados os dados referentes à Matrículas, entre 2001 e 2020 há uma estabilidade orçamentária, com elevação e queda entre 2006 e 2008, o que significa dizer que o aumento do orçamento acompanhou a ampliação do número de matrículas. Entretanto, a partir de 2020 é possível observar uma expressiva queda no Gasto por matrícula.

Gráfico 02 – Evolução Orçamentária x Matrículas UF – Brasil (2000/2022)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados extraídos do SIOP e do INEP.

CONCLUSÃO

Ao analisar os dados orçamentários é possível quantificar o impacto da gestão do ex-presidente Bolsonaro sobre o funcionamento das Universidades Federais. Em termos absolutos, descontada a inflação do período, os investimentos de 2022 são semelhantes àqueles observados em 2013, quando o volume de matrículas era 25% menor. Deste modo, o presente estudo conseguiu demonstrar, com números, uma das estratégias empregadas pelos ‘*golpistas da atualidade*’ para matar a Universidade Pública. Estudos complementares estão sendo elaborados pelos autores para evidenciar outras estratégias empregadas com a mesma finalidade.

REFERÊNCIAS

ABRUCIO, Fernando Luiz et al. **Combate à COVID-19 sob o federalismo bolsonarista: um caso de descoordenação intergovernamental**. Revista de Administração Pública, v. 54, p. 663-677, 2020.

AMARAL, Nelson Cardoso. **A hora da verdade para as Universidades Federais brasileiras: metas do PNE (2014-2024) e 10 mitos a serem debatidos e desvendados**. Brasília: ANDIFES, p. 1-25, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As assessorias de segurança e informações das universidades**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 9, p. 30-67, 2008.

MUNDIAL, Banco et al. **La enseñanza superior: las lecciones derivadas de la experiencia**. 1995.

MUNDIAL, Banco. Um ajuste justo: análise da eficiência e equidade do gasto público no Brasil. Volume I: síntese, 2017.

SAUNDERS, Mark; LEWIS, Philip; THORNHILL, Adrian. **Research methods for business students**. Pearson education, 2009.

STIGLITZ, Joseph E. **Povo, poder e lucro: capitalismo progressista para uma era de descontentamento**. Editora Record, 2020.